Anais Eletrônicos da Semana de Teologia | ISSN 2238-894X
XXII Semana de Teologia | Simpósio Internacional de Mariologia | Maria no Mistério de Cristo e da Igreja
Recife, 10 a 12 de maio de 2017

MARIA DE TODOS

Sandra Helena Rios de Araújo[1]
Sérgio Sezino Douets Vasconcelos[2]

Introdução

A devoção a Maria, Mãe de Jesus, é um dos maiores fenômenos religiosos da história do catolicismo. Talvez porque homens e mulheres costumam encontrar na mãe o apoio, a paciência, a correção, a compreensão, o carinho, e todos os outros elementos necessários à vida e à formação de pessoas inteiras e íntegras.

> Maria [...] não é para os cristãos um modelo abstrato, inacessível e distante. É uma criatura como todos nós. Viveu uma vida "normal", imersa no ambiente sócio-cultural do seu tempo e nas vicissitudes comuns de todos os dias. Era virgem consagrada a Deus, mas também mãe, esposa, viúva (ARAÚJO; POVILUS; SGARIGLIA, 1984, p. 299).

Essa imersão de Maria na vida cotidiana do seu tempo está explícita em várias passagens do Evangelho. Aqui, nesta comunicação, apresentaremos apenas três: a visita a Isabel, as bodas de Caná e a Desolação.

Após a Anunciação (Lucas 1,26-27), Maria não ficou fechada em si mesma, mas, solícita às necessidades de outras pessoas, foi ao encontro de Isabel, sua prima, para socorre-la durante o período de gestação (Lucas, 1,39-45).

> Embora Lucas não tivesse tal intenção, o povo, ao ler o texto da visitação, descobre Maria como missionária. Transbordando da graça de Deus, não quer retê-la para si. Vai partilhar com sua parenta, de idade avançada, que está grávida e necessita de cuidados (MURAD, 2012, p. 59).

Neste episódio narrado por Lucas vimos que, para além da proximidade de duas mulheres escolhidas e cheias da graça de Deus, possibilitando o primeiro encontro entre o precursor e o Messias, "o que prepara e o que realiza a Boa Nova, o profeta de Deus e o Filho de Deus" (MURAD, 2012, p. 60), Maria, como todas as mulheres do seu tempo e de todos os tempos, vive os laços fraternos consanguíneos com a naturalidade que lhe é peculiar.

Seguindo esse mesmo percurso, outro momento que demonstra tal sensibilidade humana de Maria foi descrito no evangelho de João (2,1-11). O que

[1] Doutoranda do Programa de Pós-graduação no Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. jussara.kouryh@gmail.com
[2] Professor dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião e em Teologia da UNICAP. douets@unicap.br

chama a atenção, entre outras coisas, é o fato de Maria, como mãe e dona de casa, perceber a angústia dos noivos ao notarem que o vinho havia acabado.

> Era comum oferecer um banquete na festa de casamento. [...]. O vinho era a bebida básica, espalhada por toda parte, pois as famílias produziam e consumiam vinho caseiro. Numa festa, especialmente a de casamento, não podia faltar vinho. A festa acabaria tristemente (MURAD, 2012, p. 91).

Maria sabe de tudo isso. E não hesita em dizer a situação a Jesus, seu filho. “Não tem mais vinho” (João, 2, 3). Maria apresenta a Jesus a necessidade daqueles noivos. É como se dissesse não permita que a festa se acabe. Diferente das outras pessoas, ela “não pede para si e sim para os outros” (MURAD, 2012, p. 92).

O último episódio que queremos evidenciar sobre a humanidade de Maria é o seu *stabat mater*, impotente, ali, aos pés da cruz, querendo talvez trocar de lugar com o próprio filho. Maria, na sua desolação, vive até o fim sua maternidade, acompanhando seu filho “até a morte e morte de cruz” (Filipenses, 2,8), sustentando a igreja nascente.

> Maria, aos pés da cruz, naquele dilacerante *stabat* que a torna um mar amargo de angústia, é a expressão mais alta, em uma criatura humana, da heroicidade de toda virtude. [...]. Em Maria Desolada encontra-se o triunfo das virtudes da fé e da esperança pela caridade que a acendeu durante toda a vida e a inflamou na participação tão viva da Redenção (LUBICH, 2003, p. 185).

Nesses três episódios Maria se nos mostra próxima a todas as pessoas. Não se colocando acima de ninguém por ter recebido a graça de ser Mãe do Filho de Deus, permite com que nos identifiquemos como filhos seus: a Ela podemos recorrer quando precisamos de ajuda, quando carecemos de suprir nossas necessidades, quando urge enfrentarmos nossos maiores sofrimentos, tal qual narrados nesses episódios. É a Mãe presente que entende e atende o clamor de seus filhos. Para Chiara Lubich, Maria, mãe de Jesus e dos homens, é um plano inclinado que liga o céu à terra.

> Traz o divino à terra, suavemente, qual celeste plano inclinado que, da vertiginosa altura dos Céus, desce até a infinita pequenez das criaturas. É a Mãe de todos e de cada um, a única que sabe balbuciar e sorrir para o seu filho de um modo único e tal que, embora pequeno, cada um já sabe apreciar aquela carícia e responder com seu amor *àquele* amor (LUBICH, 2003, p, 182).

E as pessoas assim invocam Maria...

No percurso desses dois milênios e alvorecer do terceiro, Maria, talvez por ser “amada universalmente” (LUBICH, 2003, p. 181) e “o motivo é este: Maria é Mãe” (LUBICH, 2003, p. 181), tem recebido inúmeras orações, entre elas a Ladainha, palavra que significa súplica. Suas invocações começaram dedicadas a Nossa Senhora de Loreto. Conta a tradição que a casa onde morou a Sagrada Família, na Palestina, foi transportada por anjos para a Croácia, ainda no século XIII. Em seguida, a Santa Casa foi novamente transportada, também por anjos, para Itália, na cidade de Loreto. Ali se construiu uma imensa basílica na esperança de que os anjos não mais pudessem transportar a casinha de Nazaré para outro lugar qualquer. As *litanias loretanas* foram compostas pelo cardeal Giacomi Savelli, posteriormente eleito papa Honório IV[3].

> O texto teve várias versões, uma tradicional e popular, outra com grande inspiração bíblica. Em 1601 o papa Clemente VIII determinou a adoção do texto tradicional de Loreto. Mas somente em 1883 o papa Leão XIII prescreveu a toda a Igreja a oração das Ladainhas de Loreto e a introduziu, juntamente com outras ladainhas [...] no ritual romano. Tornou-se assim oração oficial, litúrgica (VAZ, 2005, p. 14).

Como estrutura, a Ladainha de Nossa Senhora está dividida em *Súplicas a Cristo*, *Invocações à Santíssima Trindade* e *Litanias à Virgem*. Somente aos papas é dado o direito de acrescentar invocações à Ladainha. Após o Concílio Vaticano II foram acrescentadas as seguintes súplicas: Mãe da Igreja (Papa Paulo VI – 1965), Mãe de Misericórdia e Rainha da Família (Papa João Paulo II – 1995).

A Ladainha de Nossa Senhora, com 51 invocações marianas, está dividida em três grupos. O primeiro, com 21 invocações, evidencia as três dimensões do mistério de Maria. “Ela é santa, a escolhida de Deus; Ela é Mãe, porque por Ela o Filho de Deus se fez Homem e nasceu entre nós; e Ela é Virgem, porque sua maternidade divina se realizou pela ação do Espírito Santo...” (VAZ, 2005, p. 14). O segundo grupo, composto de 13 invocações, evidencia os “títulos que prefiguravam na Sagrada Escritura a glória, a beleza e a ação de Maria como fiel discípula de seu Filho e cooperadora em Sua obra redentora” (VAZ, 2005, p. 14). Traduzem figuras simbólicas e, por isso, de maior complexidade para a compreensão popular. Por fim, o terceiro grupo, contando com 17 invocações,

[3] Disponível em:https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%A3o_papal_de_1285. Acesso: 16.04.2017.

“descreve a ação de Maria na Igreja e no meio de seu povo. Ela é a intercessora, a protetora, a advogada dos cristãos [...]. Ela é a Rainha pelas maravilhas que n´Ela operou o poder e o amor de Deus...” (VAZ, 2005, p. 15).

Todavia, embora a Ladainha seja rezada nas celebrações festivas à Nossa Senhora, grande parte de seus devotos não compreendem o que significa cada uma dessas súplicas, especialmente aquelas que utilizam uma linguagem simbólica. Vejamos os significados de algumas dessas súplicas:

Espelho de Justiça – “A justiça de Deus é a fidelidade a seu plano de amor, a seu desígnio de salvação, que foi manifestado e realizado em Cristo...” (VAZ, 2005, p. 76). Quem, como Maria, viveu tal fidelidade? Como um espelho, Ela reflete essa justiça de Deus.

Sede da Sabedoria – Explicada por Dom José Carlos Vaz, essa invocação assume uma beleza estonteante e nos faz penetrar na essência do plano de Deus para a humanidade.

> Em, Maria *Deus olhou a humildade de sua serva (Lc 1,48)* e encontrou o campo aberto para n´Ela realizar as maravilhas de seu poder e amor. Em sua humildade e em sua fé, Maria é a mulher sábia em quem a sabedoria construiu sua casa (Pr 9-1), é a virgem sábia que levou para a lâmpada de sua vida a reserva do óleo de sua fé e humildade (Mt. 25, 1-13) para nela iluminar os caminhos da ação de Deus (VAZ, 2005,p. 80)

Causa de Nossa Alegria – “... a Igreja canta, na festa da Natividade de Nossa Senhora, em 08 de setembro: Teu nascimento, Virgem Mãe de Deus, trouxe alegria a todo mundo porque de Ti nasceu o sol da justiça, Cristo nosso Deus” (VAZ, 2005, p. 82). Precisa razão maior?

Vaso Insigne de Devoção – “A Igreja atribui a Maria um título que revela a plena entrega a Deus de seu Coração Imaculado” (VAZ, 2005, p, 90). Para compreender mais profundamente, é necessário termos claro o que significa devoção. Para Vaz, é consagração, é culto, é entrega, é dedicação, é amor, é afeição.

> O amor de Maria foi inteiramente voltado para Deus. Amou o Pai que a escolheu, amou o Filho como sua Mãe, amou-os com o mesmo amor de Deus que o Espírito derramava em seu Coração Imaculado. Mas esse amor a Deus se desdobra hoje em Maria no amor pelos homens [...] (VAZ, 2005, p. 92).

Arca da Aliança – Aqui uma profunda ressonância bíblica e uma extraordinária riqueza simbólica. A Arca da Aliança simboliza o compromisso

estabelecido entre Deus e o seu povo ali, no deserto, depois de tira-lo da escravidão do Egito. E a Arca seguia na frente, guiando o povo de Deus rumo à terra prometida. “No grande deserto que é o mundo, é a Virgem quem indica Cristo, o caminho verdadeiro” (VAZ, 2005, p. 105).

Porta do Céu – O Céu simboliza a morada eterna de Deus, o Paraíso.

> A extraordinária riqueza da fisionomia humana a Virgem Maria, de seu papel único na história da salvação, faz com que a Igreja e a piedade cristã possam, com muita propriedade, aplicar a Ela figuras e símbolos do Antigo e do Novo Testamento. Uma dessas figuras é a de ser porta: porta da Casa de Seus, porta do Santuário, porta do aprisco do Senhor; em uma palavra, Porta do Céu (Vaz, 2005, p. 107).

Porém, como vimos anteriormente, para seus devotos, Maria é Mãe e, como tal, próxima a todas as pessoas. Dessa proximidade nascem outras rezas, outras invocações, outras litanias, como essas escritas e cantadas por José F. Campos (Litania dos Empobrecidos), cuja partitura encontramos no site das Paulinas[4].

Ave cheia de graça, ave cheia de amor,
Salve, ó mãe de Jesus, a ti nosso canto e nosso louvor
Mãe do Criador, rogai
Mãe do Salvador, rogai
Do Libertador, rogai por nós
Mãe dos oprimidos, rogai
Mãe dos perseguidos, rogai
Dos desvalidos, rogai por nós
Mãe do boia-fria, rogai
Causa da alegria, rogai
Mãe das mães, Maria, rogai por nós
Mãe dos humilhados, rogai
Dos martirizados, rogai
Marginalizados, rogai por nós
Mãe dos despejados, rogai
Dos abandonados, rogai
Dos desempregados, rogai por nós
Mãe dos pecadores, rogai
Dos agricultores, rogai
Santos e Doutores, rogai por nós
Mãe do Céu clemente, rogai
Mãe dos doentes, rogai
Do menor carente, rogai por nós
Mãe dos operários, rogai
Dos presidiários, rogai
Dos sem-salários, rogai por nós

[4] Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/pub/partitura/P1187370101.pdf>. Acesso:16.04.2017.

Nessas súplicas estão todos: oprimidos, perseguidos, desvalidos, boias-frias, humilhados, martirizados, marginalizados, despejados, abandonados, desempregados, pecadores, agricultores, santos, doutores, doentes, menor carente, operários, presidiários, sem salário... enfim, a turba por quem Jesus, o Seu Filho deu a própria vida.

Considerações finais

Na construção desta comunicação duas constatações mais evidentes. A primeira, a maternidade de Maria. Muitos são os países que a escolheram como Padroeira, como pleito de gratidão e reconhecimento.

> Quem será capaz de tirar do coração dos brasileiros que Nossa Senhora Aparecida é a rainha de sua terra?
> E quem poderá negar aos portugueses que Maria é Nossa Senhora de Fátima?
> E quem não reconhecerá que para os franceses ela é a Sorridente Senhora de Lourdes?
> E aos poloneses, a Virgem de Czestochowa?
> [...].
> E quem poderá negar que Maria é a Castelã da Itália?... (LUBICH, 1981, p. 42-43).

Ao mesmo tempo, o que podemos perceber é que as orações e súplicas formais, definidas pela Igreja e direcionadas a Maria são sempre repetitivas e vazias de compreensão por parte de seus devotos. Poucos vislumbram na Ave Maria o texto evangélico (primeira parte) quando da Anunciação (Lucas, 1,26-38); na segunda parte o reconhecimento da santidade de Maria e a súplica à Maria Medianeira. Também essa falta de compreensão perpassa pela recitação da Ladainha. Como vimos, o entendimento das invocações simbólicas passa a largo da formação dos católicos.

Todavia, a fé na Mãe é inabalável, o que é demonstrado nas expressões da religiosidade popular tendo nas procissões e promessas suas mais fortes demonstrações.

Referências

ADUCCI, Edésia. **Maria e seus títulos gloriosos**. São Paulo: Loyola, 2003.

ARAÚJO, Vera; POVILUS, Judith; SGARIGLIA, Alba. **Maria e o mistério da Igreja**. In: VVAA. **A Igreja no seu mistério/**I 3. São Paulo: Cidade Nova, 1984.

BLAQUIÈRE, Georgette. **O evangelho de Maria**. São Paulo: Ave Maria, 2007.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CURY, Augusto. **Maria, a maior educadora da história**.

LARRAÑAGA, Inácio. **O silêncio de Maria**. São Paulo: Paulinas, 1987.

LUBICH, Chiara. **Maria, coração da humanidade**. São Paulo: Cidade Nova, 1981.

_____. **Ideal e luz**: pensamento, espiritualidade, mundo unido. São Paulo: Cidade Nova, 2003.

MURAD, Afonso Tadeu. **Maria toda de Deus e tão humana**: compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012.

VAZ, Dom José Carlos de Lima. **O louvor a Maria**: comentários sobre as invocações da Ladainha de Nossa Senhora. São Paulo, Loyola, 2005.